

## KAXARARI: A CONTEMPORANEIDADE DE UMA CULTURA ÉTNICA

\*Lucivaine Melo da Silva<sup>1</sup>(IC), Maria Geralda A. Morera<sup>2</sup>(PQ)

Universidade Estadual de Goiás-Campus Iporá

Lucivainemelo53@gmail.com

### Resumo:

O século XVI estabeleceu uma cultura de violações e espólios em relação à cultura das etnias indígenas brasileiras, sendo essa violência, bem como as resistências destes, pouco abordada na produção da historiografia. Entretanto, nas últimas décadas os pesquisadores se viram compelidos a narrar a participação indígena por outro viés, compreendendo-os como atores do processo histórico do Estado Nacional. Assim, sujeitos que, por muito tempo, foram descritos como coadjuvantes assumem nas narrativas seus lugares a partir dos Movimentos Indígenas. O objetivo do trabalho é compreender a dinâmica cultural que envolve os Kaxarari a partir do contato com os não índios. Para abordar a questão, partimos de pesquisas em documentos disponibilizados pela FUNAI e bibliográfica. A etnia Kaxarari, localizada nos limites entre os estados de Rondônia, Amazonas e Acre, no decorrer do século XX, foram vítimas da expansão capitalista sobre seus territórios, sendo a primeira frente de exploração causada pela extração do látex, matéria-prima retirada das seringueiras. Este contato com os não índios se intensifica com a construção da BR-364 que representa essa segunda frente, sendo responsável ainda por alterações no espaço físico e na cultura.

**Palavras-chave:** Kaxarari. Violência. Resistência.

### Introdução

Os documentos analisados com base nessas novas abordagens apresentam índios que mesmo “aculturados” e “dominados”, não deixaram de agir, não deixaram de ser índios e, embora por longo tempo ausentes da historiografia, não saíram de nossa história (ALMEIDA, p. 28, 2010).

A historiografia indígena, nas últimas décadas, foi marcada por inúmeros estudos científicos que possibilitaram desconstruções estereotipadas no que tange aos grupos étnicos, como afirma Almeida (2010), quanto à contribuição dos indígenas na constituição do Estado Nacional, uma vez que, ao longo da narrativa histórica estiveram como coadjuvantes. Este novo olhar dos antropólogos, historiadores e dentre outros tem permitido, através de produções bibliográficas e pesquisas etnográficas, dar visibilidade a estes sujeitos, permeadas por várias perspectivas históricas.



No entanto, o processo de colonização a partir do século XVI levou uma construção eurocêntrica dos povos indígenas denominados por “selvagens” e “inimigos”, distinguindo aqueles que reagiam ao processo de “dominação” e capturas para os espaços de “aldeamentos”. Esta relação foi marcada por confrontos e resistência dos grupos indígenas, período de dizimações, exploração, perseguição e tentativas de aculturação, sucedendo assim por um longo tempo.

As teorias postulavam o extermínio completo dos grupos étnicos, porém isso não se concretizou, e na atualidade percebe-se que estes povos ainda sobrevivem e enfrentam constantes embates com latifundiários, madeireiras e pela demarcação de suas terras originárias. Portanto resistem, ainda hoje, 305 etnias espalhadas nas regiões brasileiras, que contam com apoio de associações dentro e fora das aldeias e grupos indigenistas que elaboram ações, com expectativas de fortalecer assim os movimentos de lutas aos direitos culturais e à identidade de pertencimento étnico.

Os Kaxarari, uma etnia localizada na região norte do Brasil, não foge a essa regra de violência e resistência. O contato sistemático dessa etnia com a sociedade não-índia ocorre a partir do século XX, período da extração da matéria-prima das seringueiras. Esse contato resultou na violação cultural desse grupo, interferindo assim na língua nativa, seus hábitos diários, ocasionando as migrações forçadas de localidades.

Este processo violento não motivou a descaracterização da identidade Kaxarari, tendo a preservação de alguns aspectos da cultura tradicional até a atualidade e outros reelaborados. No caso da terra, a mesma significa o suporte para sua subsistência e afirmação dos símbolos ancestrais presentes nos ritos de passagens, na crença e no artesanato. No que se refere à língua nativa, que é falada na aldeia de geração em geração, permanece até os dias atuais, por outro lado assimilaram o português com habilidade para uso da comunicação com o homem branco.

Já a identidade étnica para os Kaxarari era um problema, visto que eram vítimas de violência em função da origem, em virtude das obstinações pelas terras, - desde os meados do século XX - eles têm se reafirmado como sujeitos de identidade étnica. Em virtude dessas relações entre os indígenas e o não índio foi



perceptível uma perda do processo tradicional do grupo relacionado à produção, Sousa (2004) afirma que “os artesanatos antes confeccionados estão praticamente extintos”.

Acrescente-se que, a família Kaxarari é constituída pela relação da exogamia, ou seja, a união de indivíduos com parentesco distante, sendo o genro visto como parente respeitável, uma vez que ele atua nas atividades de caça, pesca, prepara o roçado para a subsistência dos parentes de sua esposa. Além disso, outro aspecto valorizado pela etnia são os costumes tradicionais presentes no nascimento da criança, a qual recebe o nome escolhido por um dos avós, ficando o outro responsável por sua educação (Aquino, 1984).

Essa fase histórica do contato interétnico se estendeu até o início da década de 60, cuja exploração só veio desfazer-se a partir do início da década de 60, com o início da construção da BR-364, no trecho Porto Velho/RO a Rio Branco/AC, sendo, no entanto, substituída por outra, a dos marreteiros (AQUINO, 1984, p.7).

Cessando o período de extração do látex, as invasões se intensificam, agora em função das ações da Construtora Mendes Júnior, responsável pela extração de britas e de outras matérias primas ocasionando a migração dos indígenas Kaxarari de suas terras ancestrais (AQUINO, 1984).

Mesmo com leis homologadas, garantindo assim direitos, os indígenas ficam à mercê da “própria sorte”, pois os órgãos de fiscalização se tornam omissos diante da força dos madeireiros, empresas nacionais e internacionais que almejam invadir os territórios e extrair recursos naturais dessas áreas indígenas.

O objetivo do trabalho é propor uma produção acadêmica de visibilidade ao grupo étnico Kaxarari no que diz respeito ao processo de violações e resistências entre os séculos XX e XXI, tendo como finalidade contribuir e inserir a acadêmica em projetos de pesquisa sobre os povos indígenas do Brasil, a partir de fontes bibliográficas e documentais para compreender o comportamento cultural desse grupo étnico e sua relação de contato com o não índio.



## Material e Métodos

De caráter qualitativo, o trabalho se desenvolveu por meio de pesquisa bibliográfica, buscando dar visibilidade ao grupo étnico Kaxarari quanto ao processo de violações e resistências entre os séculos XX e XXI.

## Resultados e Discussão

As construções historiográficas dos povos indígenas se renovaram a partir de meados do século XX, apresentando novas abordagens que os compreendem como sujeitos históricos. É nessa linha de compreensão que se insere esse trabalho sobre os Kaxarari, um grupo étnico, localizado entre a fronteira dos Estados do Amazonas, Acre e Rondônia. Estão divididos em quatro aldeias: Marmelo, Barrinha, Paxiúba e Pedreira (SOUSA, 2004). No século XVIII eram subdivididos em clãs, antigamente eram muitos, alguns registros falam em dezoito (18) clãs. Todavia, Sousa (2004) em sua pesquisa de campo encontrou apenas seis (06) clãs. Os Kaxarari, mantendo uma particularidade, não realizam matrimônio entre os indivíduos da mesma família (AQUINO, 1984). Esse povo falam uma língua pertencente à família linguística Páno. A narrativa desse povo, bem como dos demais indígenas, é marcada pela oralidade, pelas lembranças presentes na memória dos anciãos e anciãs.

A história dos Kaxarari é dividida em três períodos: o da “correrias”, “cativeiros” e dos direitos. O período de “correria” significou as dizimações quase completas do grupo, este contato interétnico provocou o contágio de doenças viróticas e a expulsão das famílias de seus territórios tradicionais. Já no momento de “cativeiros” os Kaxarari tornaram-se mão-de-obra escrava na extração do látex das seringueiras.

Os traços culturais que demarcam a fronteira podem mudar, e as características culturais de seus membros igualmente se transformar – apesar de tudo, o fato da contínua dicotomização entre membros e não membros permite-nos especificar a natureza dessa continuidade e investigar a forma e o conteúdo da transformação cultural (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p.195).

### REALIZAÇÃO



Esta demarcação de “fronteiras”, considerada por meio do antropólogo Barth (1969), permite uma compreensão quanto à construção do ser “índio”, um sujeito flexível às alterações. Assim, possibilitou a naturalização às imposições culturais do dominador, quanto à luta pelo mesmo espaço e a resistência de algumas práticas tradicionais. O contato interétnico dos Kaxarari foi intensificado a partir da instalação da Empresa Mendes Júnior, no ano de 1988. O fator facilitador do acesso de não-índios à região habitada se deu com a construção da BR-364, entre Porto Velho e Rio Branco. Em função do contato e das ações predatórias em sua terra, os Kaxarari foram obrigados a falar o português e a mudar a forma de subsistência, pois a água dos rios Azul e Marmelinho, até então usadas pelo grupo, ficaram contaminados.

Igualmente homens e mulheres “estão submetidos desde o início do contato, levaram a modificações nessa sociedade, entre estas podemos citar as moradias, pois os Kaxarari não vivem mais em sua malocas mas em casa estilo regional” (MOREIRA, 2005, p.68). Na busca pela sobrevivência, estas mudanças no cotidiano exemplificam o quanto os indígenas são autores de sua própria história, apresentando-se fluidos ao domínio vivenciado. O terceiro tempo, os dos “direitos” refere-se ao tempo de reconhecimento da terra. Os líderes, diante da demarcação de suas terras, estabeleceram um novo tempo, o dos “direitos”. A partir daí a luta é, também, contra a empresa Mendes Júnior que contaminou os rios e a terra.

Essa Construtora explodiu ainda grandes quantidades de dinamite na pedra, localizada nas cabeceiras do Azul, causando o afastamento da caça, de fundamental importância para a sobrevivência da população Kaxarari. Contaminou as águas do rio Azul, provocando até hoje doenças e mortes entre os índios. Para escapar desse quadro mórbido, parte da população Kaxarari recentemente optou por migrar para as cabeceiras do igarapé Marmelinho, nos fundos da área indígena, onde as águas não estão contaminadas e as caças e os peixes são encontrados com mais facilidade (AQUINO, 1984, p.16).

A década de 70 foi um momento de conscientização dos indígenas do Brasil, a partir da consolidação do Movimento Indígena diante do empenho de lideranças e organismos indígenas que lutaram pelos direitos de saúde, educação e terras. A força do movimento levou a aprovação dos direitos indígenas na Constituição de 1988 (LUCIANO, 2006), pois perceberam o significado e a importância da



autoafirmação da identidade étnica, apesar da discriminação e violência. Está tomada de consciência permitiu à etnia Kaxarari lutar pela permanência em suas terras ancestrais.

A atuação da Construtora MENDES JÚNIOR na área Kaxarari lembra a atuação de empresas coloniais, representantes do capitalismo selvagem da Amazônia, que, após realizarem o saque e a rapinagem de suas riquezas, deixam degradação ambiental irreversível na natureza (AQUINO, 1984, p. 51).

Reduzido o grupo, sob chefia de seus líderes, mobilizaram-se os anseios até então violados e negados pelos dominadores começaram a ser reconhecidos, a exemplo da terra, símbolo de “espiritualidade” e sobrevivência que foi demarcada em 1991. Atualmente, diversos projetos são desenvolvidos pela Associações da Comunidade Kaxarari, estes praticam o roçado (mandioca, banana e milho) dentre outras atividades como a criação de gado, galinha e porcos, garantindo então a subsistência.

Os Kaxarari já não praticam os rituais de xamanismo e alguns elementos foram descaracterizados em função do contato<sup>1</sup>. Apesar disso, a valorização está presente na resistência e luta pelas terras ancestrais, nos aspectos culturais e na preservação de práticas de adoração a *Tsurá*, uma divindade superior que possui grandes poderes.

## Considerações Finais

Em suma, o projeto de pesquisa da etnia Kaxarari, além de contribuir com o desenvolvimento de pesquisas por parte da acadêmica, permitiu-nos compreender melhor os impactos do contato do índio com o não índio. A grosso modo, podemos dizer que estes povos vivenciaram, a partir do século XX, várias ondas de ocupação de suas terras, o que os impactou demograficamente e culturalmente. Se em um primeiro momento os Kaxarari passaram a fazer parte dos sujeitos envolvidos na extração do látex, submetendo-se aos ‘patrões’, na sequência assumem outro papel,

<sup>1</sup> - Dados da cultura Kaxarari catalogados pelo organismo Instituto Socioambiental (ISA). Disponível em: [https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Kaxarari#Hist.C3.B3rico\\_do\\_contato](https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Kaxarari#Hist.C3.B3rico_do_contato). Acessado em: 6 de agosto de 2018.

quer seja, a luta por seus territórios e a busca por reconhecimento de sua identidade étnica, tendo sua terra demarcada em 1991.

## Agradecimentos

Primeiramente a Deus e a Iniciação Científica da UEG.

## Referências

ALMEIDA, Maria Regina C. ***Os índios na História do Brasil***. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

AQUINO, Terry Vale. **Os Kaxarari: Considerações sócio-econômicas, históricas, territoriais e as graves ameaças à sobrevivência de suas comunidades em decorrência da devastação ambiental promovida pela Construtora Mendes Júnior S.A. na terra indígena Kaxarari. Pastas Suspensas, FUNAI, p. 1-59.**

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2015. HAAL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. ed.12ª. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

LUCIANO, G. dos Santos. **O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: MEC/SECAD; LACED/Museu Nacional, 2006. (Coleção Educação Para Todos. Série vias dos Saberes nº 1). Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001545/154565por.pdf>. Acesso em: 26 Agosto, 2017.

MOREIRA, Maria Geralda. A. **Em busca do território perdido: o reconhecimento da terra indígena Kaxarari no Brasil e da terra Ye' Kuana do Alto Orinoco na Venezuela (1970-1002)**. Goiânia: 2005.

POUGNAT, Philippe; Fenart-S, Jucelyne. **Teorias da etnicidade: seguidos de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth**. Tradução Elcio Fernandes. 2ºed São Paulo: UNESP, 2011.

SOUSA, Gladys Cavalcante. **Aspectos da Fonologia da Língua Kaxarari**. Dissertação de Mestrado. Unicamp, 2004.